



EDITORA PERSPECTIVA



O THÉÂTRE DU SOLEIL

Os Primeiros Cinquenta Anos

Béatrice Picon-Vallin

Teatro

20x25,5 cm

368 páginas

ISBN 978-85-273-1108-3

R\$ 129,00

PREVISÃO DE LANÇAMENTO

31 ago. 2017



PALCO ENCANTADO

O encontro da mais influente trupe teatral do planeta com a mais importante crítica e pesquisadora do teatro na atualidade e suas imagens extraordinárias

Um livro que é um mergulho. Nas imagens espetaculares de um teatro criativo, essencial e polimórfico; nas montagens colaborativas em que não há protagonistas, mas um grupo solidário imbuído da responsabilidade de contar histórias que valham a pena; no treinamento constante de atores, diretores, técnicos, artistas e artesãos; nas performances e happenings de uma trupe que vive o teatro; na história de uma companhia que se apoia na tradição e inovação, mas também em sua comunidade e na responsabilidade social de dar voz aos grupos vulneráveis.

SAIBA MAIS

Em sua abordagem preciosa e rigorosa, Béatrice Picon-Vallin revela a trajetória do Théâtre du Soleil dando voz não só à sua mítica fundadora, Ariane Mnouchkine, mas a todos os integrantes do grupo, constituindo em livro o mesmo processo da companhia em suas apresentações.

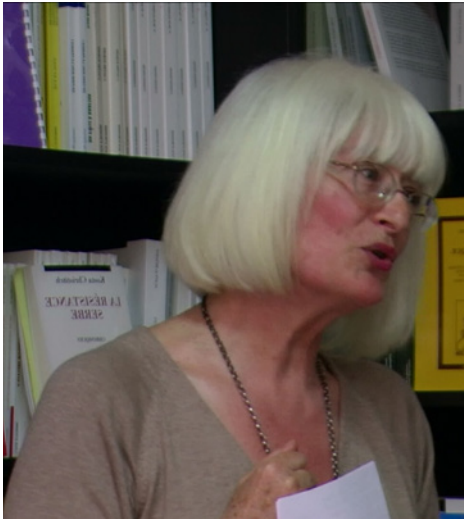
Em tempos de crise ou fortuna, a trupe de Ariane Mnouchkine nunca deixou de realizar eventos e espetáculos. O verdadeiro trunfo do Théâtre du Soleil reside em fazer arte em qualquer época e “transmitir a mensagem de que o teatro é um estilo de vida, uma forma de estar no mundo, uma arma, enfrentando e expondo as manipulações alienantes, no palco ou fora dele”.

Desde sua fase embrionária em 1959, este foi um teatro de muitas atividades, transcendental à cena francesa pela mescla de tradições e em diálogo intenso com o presente. As apresentações da companhia sempre resultam, impecavelmente, em passeios por um mundo maravilhoso, que o leitor agora pode acessar, não só pelas portas do palco, mas pelas páginas desta publicação.

TRECHO:

“Em pleno inverno, a cinco graus negativos, num local não aquecido”, recorda-se Mnouchkine, “fazíamos improvisações sobre o calor! Uma maravilha! Trabalhávamos sempre ‘em situação’; para nos aquecer, no início, eu fazia exercícios: por exemplo, eu tinha uma pilha de pratos para quebrar, eu os atirava na direção das moças, dizendo ‘está pegando fogo’ ou ‘está rachado, você se cortou’. As moças tornavam-se quase, no limite, prestidigitadoras.” Um cozinheiro vem lhes ministrar aulas; Jean-Pierre Tailhade, que interpreta o peixeiro, e Penchenat, um confeitiro, fazem estágio em grandes restaurantes parisienses, Roberto Moscoso, que trabalha então no Casino d’Enghien, vai visitar as cozinhas de lá. Mistura de observação e transposição, dialética entre realismo e poesia. Os críticos falam dos Tempos Modernos de Chaplin, reconhecem o talento da diretora, falam de “direção musical”, com crescendo, estases, silêncios, harmonias e dissonâncias. Mnouchkine responde: “A cozinha depende de um ritmo de trabalho que engendra ruídos que provocam uma emoção dramática. Esses ruídos impedem os seres de falar, os ruídos são tão importantes, até mais do que aquilo que os atores tentam dizer”.

Para ela, a pesquisa não é diretamente musical e o ritmo não é música porque é a expressão da justeza das situações e relações entre os atores. “Quando trinta pessoas estão na mesma situação de urgência muito grande, isso acaba parecendo algo muito musical”. A partitura musical do conjunto é perfurada de solos. Um trabalho impressionante para o público, “fascinante” para os atores, que se lembram dele com emoção. A crítica louva a encenação. Retrospectivamente, Mnouchkine reconhece: “Era muito técnico, a marcação que eu fazia era muito precisa porque eu tinha medo de não dar conta”. A Cozinha ganha três prêmios em 1967: da Associação dos Espectadores, do Sindicato da Crítica e do Brigadier. Mas o Soleil não será contemplado no Concurso das Jovens Companhias: será Os Soldados, de Lenz, na encenação de Patrice Chéreau. Ariane se recorda sem amargura do espírito de camaradagem que reinava então, e de Chéreau exausto dormindo numa



BÉATRICE PICON-VALLIN

Diretora emérita de pesquisas emérito do Centre National de La Recherche Scientifique (CNRS), consagra parte de suas investigações à história e à teoria da encenação. Dirige as coleções dedicadas às artes do espetáculo *Mettre en scène* (Actes Sud-Papiers), *TH 20* (L'Âge d'Homme) e *Arts du spectacle* (CNRS Éditions). É autora, entre outros, de *A Cena em Ensaios* (Perspectiva, 2008) e *Meierhold* (Perspectiva, 2013).

poltrona, após o trabalho em comum, enquanto outros ainda se apressavam para montar as últimas instalações elétricas. O espetáculo foi representado durante muito tempo – um cheque era enviado toda noite a Joseph Bouglione, de quem a trupe alugou o Medrano – e os atores podem, finalmente, abandonar seu trabalho diurno (Penchenat é encarregado de uma missão no Ministério do Interior, Hardy trabalha numa livraria religiosa, Philippe e Liliane Léotard são professores em Sainte-Barbe). A Cozinha será reprisada em 1968 e representada em fábricas em Saint-Étienne, Grenoble, depois nos arredores de Paris (na Citroën, na Peugeot e na SNECMA), com “cabarés” concebidos pelos atores, uma espécie de “carta branca”. A experiência do contato com o mundo operário será decisiva para todos.

LEIA TAMBÉM



MEIERHOLD

Béatrice Picon-Vallin

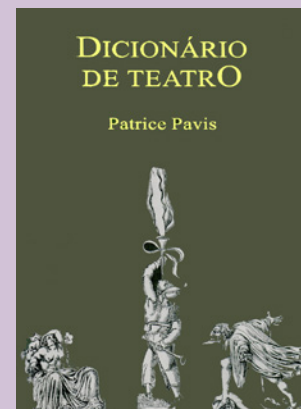
Teatro • 582 páginas
ISBN 978-85-273-0955-4
R\$ 180,00



A CENA EM ENSAIOS

Béatrice Picon-Vallin

Teatro • 176 páginas
ISBN 978-85-273-0841-0
R\$ 43,00



DICIONÁRIO DE
TEATRO

Patrice Pavis

Teatro • 512 páginas
ISBN 978-85-273-0205-0
R\$ 85,00